



① A colonização tal qual como conhecemos e experienciamos é predatória, porque é excludente. Não aprendemos pouco sobre História da Arte corremos o risco de acreditar que ela está no passado. Conforme damos os passos seguintes e mergulhamos um pouco mais fundo, descobrimos que a colonização está empregada em nossos corpos. É, ainda que pretendamos a descolonização, sempre ou, quase sempre, partiremos deste ponto dialógico e antagônico. Mesmo que aprendamos a vez a partir deste ponto hierarquicamente hegemônico, seremos vistos como "o outro". Este "outro" a quem a identidade e a diferença se impõem, pois é visto deste lugar privilegiado, tanto se submete, quanto transgide, porque se acumula dentro do que se chama Estudos Culturais e ou História da Arte, sendo absorvido por esta lógica binária.

② Neste lugar do "outro" estão as minorias representadas de onde se fala o povo preto, mulheres, gays, lésbicas, travestis, transgêneras, entre outras as quais o corpo sobrevive à racionalidade da cultura hegemônica. O corpo fala, comunica e é político. Michel Makuzzi é uma artista contemporânea que fala desse lugar de onde a sua raça e o seu gênero devem se afirmar para não se deixar mais silenciar este corpo que, por séculos, esteve escravizado e, ainda hoje, marginalizado. A herança do patriarcalizado ainda deixa marcas e cicatrizes



em nossos corpos que hoje gritam e falam por si mesmos. Corpos políticos que não querem mais se vistos e analisados por quem não os representa.

- ③ Se os povos originários têm sido tratados de forma folclorizada na educação brasileira é porque aprendemos a ver com os olhos do colonizador. O próprio termo "originário" e "étnico" denuncia esta lógica da Racionalidade da cultura letrada. Lógica esta do pensamento euclético que coloca estes no lugar do "outro", do "diferente", do "étnico", do objeto a ser estudado, objetificando ritos que superpostamente, dentro dessa lógica euclética, não poderiam representar-se a si mesma, pois não parte da escrita apenas suas formas de conhecimento. Muito já ouvimos falar nos caducos expressões "grande arte" ou "alta cultura". Expressões que já nascem obsoletas por ser uma herança colonizadora que se pretende hierárquica, criando um relevo simbólico de cima para baixo, impondo sua racionalidade como única forma de legitimar qualquer outro saber. Nessa tomada de consciência sobre o lugar de onde se fala, busca-se a autonomia de nossos corpos na representação de nós mesmos.